

VILÉM FLUSSER

Um futuro historiador que procure caracterizar o século 20 deparará com to: a literatura filosófica retoma o tema do ser, depois de um século que se exclusivamente preocupado com o tema do Devenir, do tornar-se. Não é o processo que concentra sobre si o interesse do nosso século, não é a história, não são os acontecimentos. Não estamos mergulhados na correnteza dos eventos tão inteiramente como os nossos antepassados vitorianos. Emergimos precariamente, existimos precariamente, procuramos precariamente um ponto de apoio no além da correnteza. Procuramos o Ser no além dos entes e no interior dos entes. Procuramos o Ser no além de nós mesmos e dentro de nós mesmos. E nada encontramos. Encontramos o lugar supostamente ocupado pelo Ser como lugar vazio. Procuramos abrir caminho para fora da correnteza dos acontecimentos, e encontramos o Nada. Restam, do nosso esforço, apenas as aberturas. A nossa procura do Ser resulta em aberturas para o Nada. As aberturas para o Nada, os buracos, os abismos, as fendas, caracterizam para o futuro historiador a época na qual vivemos. Somos uma época "bodenlos", uma época sem fundamento.

A nossa ciência desvenda o Nada como o horizonte do nosso mundo. Partículas infra nucleares e galáxias giram nesse Nada, e são, elas próprias, fundamentalmente nada. O mundo todo é um enorme abismo, uma enorme abertura em direção do Nada por trás do infinitamente pequeno e infinitamente grande. E as nossas artes desvendam o Nada como horizonte do nosso Eu. Os nossos pensamentos, as nossas ações e os nossos sofrimentos giram nesse Nada. Somos um abismo, uma abertura em direção do Nada significado por nossos pensamentos e por nossa vida. Sabemos disto. Mas há instantes que iluminam concretamente esse nosso saber em focalização impiedosa. Um desses instantes foi para mim a leitura da definição do átomo como onda parada de probabilidade. Um outro foi quando vi pela primeira vez um dos colossos de Flexor.

A monumentalidade das telas salienta a profundidade das fendas que dilaceram os gigantes. A solidez das estaturas desses entes enormes salienta a sua vacuidade. A plasticidade e o relevo das formas salienta a violência das suas feridas. As cores de terra e de sangue dos seus corpos salientam a palidez mortal do Nada que lhes corroi o cérebro e as entranhas. Seres colossais, firmemente plantados sobre duas pernas sólidas: a própria realidade concreta. E esta realidade fita com os olhos do cérebro e das entranhas o Nada lá fora e o Nada cá dentro. Não há dúvida: Flexor pintou nossos retratos. Pintou cinco espelhos das nossas vidas.

A contemplação das cinco telas é como a contemplação de um altar do século 20, erigido no templo do Nada. Flexor é o nosso Gruenewald, o nosso Brueghel. Como o Renascimento, essa passagem da fé medieval para a dúvida moderna, pinta o terror do Deus que se evade, assim Flexor, essa articulação da passagem da dúvida moderna para algo inimaginável, pinta o terror do Nada que invade. Existe toda uma multidão de textos que comprovam esta afirmativa. Mais que ilustração, Flexor parece ser demonstração experimental de textos como Kafka, Rilke, Heidegger, Camus, Becket. Inúmeras sentenças desses textos parecem

ALTEH LNZZEX

VILÉM FLUSSER

comentários das telas de Flexor. Há um clima comum a todas essas articulações, e este clima pode ser resumido na sentença de Heidegger: "existimos para a morte". As telas de Flexor são retratos das aberturas para a morte, por tanto autorretratos do século 20.

Em Heidegger há uma discussão do termo "abertura". É um termo intimamente ligado ao termo "decisão" (Entschlossenheit), isto é desfecho de algo previamente fechado. Os colossos de Flexor são seres decididos. São seres que não se iludem, seres desiludidos, e decididos contra toda ilusão e para a realidade. A realidade é a morte. Por isto nada há de humilde nesses gigantes. São orgulhosos, rebeldes. Orgulham-se da decisão tomada. São cinco prometeuses, cinco afirmações da dignidade humana que desafia o absurdo. Mas por que digo "dignidade humana"? Serão homens estes gigantes? Por certo, são vagamente antropomorfos. Têm cabeça, têm corpo, têm pernas. Não têm rosto. Será humano um ser sem rosto? Poderá afirmar a dignidade humana um ser sem rosto? Se Kant diz que devemos deferência a todo aquele quem tem rosto humano? Creio que estas perguntas circunstrevem a problemática de Flexor.

Os gigantes são retratos daquilo que chamamos "humanidade da atualidade". Somos realmente homens? Temos realmente rostos? podemos chamar de rostos aquelas máscaras substituíveis que vestimos para tapar o nada dentro de nós e ao nosso redor? Devemos retirar essa tapeação, essa ilusão que são os nossos rostos, as nossas "pessoas". Flexor pinta nos como somos: sem rosto. Flexor pinta nos como somos: despersonalizados. Este é o primeiro resultado da decisão, da abertura: as máscaras caem. Nas telas de Flexor aparecemos como somos. Seres despersonalizados ante a decisão para a morte. portanto seres desprotegidos. Mas seres que aceitam o risco. Seres que já não querem iludir-se. Ainda não homens, se homem significa ter rosto. Mas já não fantasmas, se fantasma significa ter máscara. A própria recusa da ilusão, a recusa da conversa fiada das religiões e ciências, é sintoma do despertar para a nossa dignidade humana. Por recusarem os gigantes de Flexor essas máscaras, por estarem decididos, por não terem rosto, são eles afirmações da dignidade humana. Há portanto, no terror dessas telas, um elemento de esperança.

Não sei se esta análise passa da pura subjetividade. Não sei se outros sentem isto ao serem expostos ao choque dessas telas. Certamente não consigo alcançar uma distância fenomenológica no confronto com estes gigantes. Reconheço-me neles. Não posso falar deles objetivamente. Mas para mim esses colossos ultrapassam e superam a filosofia e arte do absurdo. Apontam caminhos. Caminhos em direção de rostos. Não são apenas diagnósticos, sugerem um prognóstico e uma terapia. Exigem que lhes sigamos o caminho. Não são telas afirmativas, são imperativas. Devem ser traduzidas para a linguagem da filosofia. Lançam temas para a filosofia. São "poéticas" neste sentido: propõem e produzem assuntos. São "originais", porque criam algo do nada. Desafiam o nada, e, ao desafiar-lo desafiam também a mente e a sensibilidade daqueles que as encontram. As telas são apelos para traduções em outros níveis de significado. Os colossos de Flexor são tarefas.